

COMENTÁRIOS SOBRE CARACTERÍSTICAS FONOLÓGICAS DA CONFIGURAÇÃO ORTOGRÁFICA DE PALAVRAS NA ESCRITA INFANTIL. Daniele Maciel da Silva, Lourenço Chacon – Linguística – Fonoaudiologia – Departamento de Fonoaudiologia – Faculdade de Filosofia e Ciências – Câmpus de Marília.

A aquisição da escrita, segundo Silva (1994) e Abaurre, Fiad & Mayrink-Sabinson (1997), é um processo mais específico no interior de um mais amplo, que é o processo de aquisição da linguagem. Sendo assim, ao entrar “(...) em contato com a representação escrita da língua que fala, o sujeito reconstrói a história de sua relação com a linguagem” (ABAURRE, FIAD & MAYRINK-SABINSON, 1997, p.22). Isso implica em uma desestruturação do sistema lingüístico construído, seguida de uma reestruturação que comporte os novos saberes com os quais o sujeito entra em contato.

Concordamos com Silva (1994:09) que “o trabalho simultâneo com a linguagem oral e escrita implícito nessa nova atividade faz com que a criança utilize a escrita como um lugar privilegiado de reflexão e atuação sobre a linguagem”. Mas como fruto desse trabalho de reflexão e atuação, quando o sujeito começa a adquirir a escrita, ele entra em constantes conflitos com relação à maneira como se entrelaçam os modos de enunciação falado e escrito do sistema lingüístico, no que se refere, por exemplo, às convenções ortográficas. Assim, constrói hipóteses na tentativa de entender as diferenças entre a produção oral e a escrita, tarefa esta difícil, dada a heterogeneidade constitutiva da própria escrita (CORRÊA, 2004).

Essas hipóteses construídas pelas crianças nem sempre condizem com as convenções próprias da escrita. Entretanto, o fato de suas hipóteses nem sempre estarem de acordo com as convenções ortográficas não significa que as crianças, no processo inicial de aquisição da escrita, não sejam capazes de seguir as convenções, mas, sim, que elas se encontram em um processo de construção de um novo sistema – a escrita – e, por experimentarem todas as possibilidades desse sistema, voltam-se de um modo especial para ele.

Levando em conta que o sujeito faz reflexão não apenas sobre seu produto final de escrita, mas também enquanto realiza seu ato de escrever, consideramos significativo observar essa relação sujeito/língua não a partir do produto gráfico final, mas, sim, a partir de comentários orais que os aprendizes fazem a respeito de características da escrita durante a própria atividade de produção textual. Assim, neste trabalho, nosso interesse é, justamente, pela atividade metalingüística que o sujeito escrevente faz durante sua produção escrita.

Devemos ressaltar que, na elaboração das hipóteses acerca dos percursos que as crianças irão seguir, diversos fatores, como diferenças de personalidade e de classe social, inserção em diferentes tipos de práticas de letramento, dentre outros, devem ser levados em conta para destacar a singularidade dos dados desses sujeitos. A escrita, como frisa Abaurre (1999), é também um local de manifestação estilística de cada autor, o que justifica a utilização de critérios idiossincráticos pelas crianças. Ainda a respeito da singularidade dos dados, concordamos com Chacon (2004), que “a intuição, por parte das crianças de fatos fonético-fonológicos da língua (em sua dimensão segmental ou prosódica)” leva aos “modos mais específicos de os sujeitos construírem relações entre a escrita e a oralidade”.

Buscando contribuir para a compreensão das dificuldades que as crianças enfrentam para entender o sistema da escrita, esta pesquisa teve como questão central verificar que tipos de conhecimentos fonológicos as crianças manifestariam em seus comentários orais sobre a escrita. Este trabalho se justifica por poder fornecer maiores informações sobre o processo convencionalmente chamado de aquisição da escrita, por poder contribuir para a compreensão das dificuldades que enfrentam as crianças para entender o sistema da escrita, por poder contribuir para as reflexões teóricas e para a prática pedagógica de professores alfabetizadores e, por fim, por poder fornecer subsídios para o trabalho que é desenvolvido com a escrita em outras áreas do conhecimento como, por exemplo, a Fonoaudiologia. Nessa área, em particular, as contribuições da Linguística para a compreensão dos problemas podem propiciar mudanças nas intervenções fonoaudiológicas, tanto em escolas quanto em clínicas.

Os dados foram coletados em duas Escolas Municipais do Ensino Infantil (EMEI) da cidade de Marília, interior do estado de São Paulo. Em cada uma das escolas havia um investigador (I), responsável pela coleta dos dados. O investigador I₁ coletou dados da EMEI *Raio de Sol* e o

investigador I₂, na EMEI *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Cada um deles acompanhou, durante o primeiro semestre do ano de 2005, uma mesma sala de Pré III cuja média de idade das crianças era de, aproximadamente, seis anos.

A coleta dos dados foi feita semanalmente e consistiu na anotação – na íntegra – dos comentários orais que as crianças faziam sobre a escrita durante exercícios que envolviam atividades escritas. Quando necessário, anotava-se também a fala da professora (resposta, instrução, observações, dentre outros) a respeito do comentário da criança. Nem todas as semanas havia comentários. Após anotar a fala da criança, os investigadores descreviam também o contexto em que os comentários aconteceram.

Foram selecionados 17 dos 20 comentários coletados pelo fato de eles se enquadrarem em um mesmo grupo de características lingüísticas, no caso, fonológicas. Dos 17 comentários, cinco (29,41%) envolveram a correspondência grafema/fonema; sete (41,18%), a percepção de características mais específicas de fonemas e suas marcas gráficas na escrita; e, finalmente, também cinco (29,41%), a estrutura da sílaba, como pode ser observado no quadro abaixo:

Configuração Ortográfica da Palavra			
	a) Correspondência grafema/fonema	b) Percepção de características gráfico-fonológicas dos fonemas	c) Estrutura da Sílaba
Subtotal:	5 (29,41%)	7 (41,18%)	5 (29,41%)
TOTAL:	17 (100%)		

Segue abaixo um exemplo de cada tipo de comentário encontrado:

a) Nesse dia, a professora P₂ aplicou como produção de texto a música “Pirulito que bate bate”.

O aluno B₃, ao escrever o trecho “pirulito que já bateu” se questionou:

B₃: “Bateu” é com “l” ou “u”?

E, depois de um pouco refletir, disse:

B₃: Ah, é claro que é com “u”.

b) A professora P₁ estava ditando a frase “A boneca é de pano.” Ao ditar a palavra “pano”, um aluno perguntou:

A_N: É o “p”, professora?

Enquanto o aluno A₄ dizia:

A₄: O “p”, o “a” e o tilzinho (pã).

Obs: Muitos alunos escreveram “pãno”.

c) A₆ não conseguia escrever a palavra “flor”. Perguntou, então:

A₆: Professora, como escreve “flor”?

E ela questionou:

P₁: Como você acha?

Ele pensou por um instante e respondeu:

A₆: Flor... flor... é da família do fla, fle, fli, flo, flu!

Passemos a comentários sobre nossos resultados.

A respeito dos comentários que envolveram a correspondência grafema/fonema, uma hipótese explicativa é a de que a criança, em sua escrita, tanto se apóia em conhecimentos que traz de sua inserção em práticas de oralidade, quanto em conhecimentos que envolvem sua inserção em práticas de letramento (desenvolvidas ou não em contexto escolar). Assim, além de ser sensível aos segmentos da fala, relaciona-os a diferentes possibilidades de registro gráfico dos segmentos na escrita – uma vez que sabe que, por exemplo, na posição de coda final da sílaba, o que ouve como [u] admite mais de uma possibilidade de representação gráfica (o grafema “l”, como em “pastel”, o grafema “u” como em “bateu” ou ainda o grafema “o”, como em “espontâneo”).

Com relação aos comentários que envolveram percepção de características gráfico-fonológicas de fonemas (por exemplo: a nasalidade ou a abertura vocálica), uma das hipóteses explicativas é a de que, uma vez inseridas em práticas de letramento, as crianças passam a notar que existem

representações gráficas específicas para essas características (o til, o acento agudo, respectivamente). Sendo assim, a criança começa a se questionar sobre quando existe a necessidade, ou não, de marcar essas características graficamente, uma vez que, apesar de, na fala, elas manterem sua regularidade, nem sempre, na escrita, há necessidade de registrá-las. É o que ocorre, por exemplo, na presença/ausência de registro gráfico da nasalidade, respectivamente, em “pão” e “pano”, ou, ainda, da abertura vocálica em “boné” e “vela”. A maior energia acústica que as sílabas em que elas se apresentam carrega é mais um motivo para que as crianças percebam estas características e queiram representá-las graficamente.

Por fim, com relação aos dados que mobilizam a sílaba como unidade fonológica, chama nossa atenção o fato de que as crianças são sensíveis tanto aos padrões silábicos da língua, quanto aos segmentos que podem ocupar cada uma das posições da sílaba. E essa sensibilidade parece vir não apenas da sensação auditiva, mas também da imagem gráfica que fazem da sílaba, já que as atividades de alfabetização desenvolvidas em contexto escolar colocam grande ênfase na segmentação de palavras em sílabas, bem como nas famílias silábicas.

Podemos notar, portanto, que as crianças parecem refletir sobre as características da língua, mais especificamente fonológicas, em suas soluções ortográficas. Sendo assim, a escrita da criança é baseada em algo que para ela é significativo, não sendo aleatório o que ela faz quando escreve. Em outras palavras, a criança é sujeito de seu próprio aprendizado. No entanto, como a criança traz para sua escrita sua história de linguagem, sua reflexão indicia sua inserção em práticas de oralidade (nas quais se mostram sensíveis às características sonoras da língua) e em práticas de letramento (nas quais aprendem a marcar, por meio de caracteres gráficos, as características fonológicas que detectam na oralidade).

Referências Bibliográficas

- ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. Em busca de pistas. In: _____. *Cenas de aquisição da escrita: o trabalho do sujeito com o texto*. Campinas: Mercado de letras, 1997.
- CHACON, L. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, pp. 223-232, 2004.
- CORRÊA, M.L.G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. SP: Martins Fontes, 2004.
- SILVA, A. *Alfabetização: a escrita espontânea*. 2ed. São Paulo: Contexto, 1994.

Bolsa: UNESP/Monitoria